



Fábio Figueiredo

Guto Lacaz com escultura exposta pelo Centro Cultural São Paulo, uma homenagem a Alex Vallauri, precursor do grafite no Brasil

ARTISTA EM TEMPO INTEGRAL

Murillo Pessoa

Guto Lacaz mantém trajetória de inovação nas diferentes vertentes de sua obra

Uma palavra é fundamental para compreender o sucesso das criações de **Guto Lacaz**: tempo. “Passo os dias rabiscando, pensando. Meu verdadeiro ateliê está no papel e na caneta, não saio de casa sem”, diz. Mais do que uma exigência profissional, a dedicação integral é uma necessidade sentida. Seu trabalho é também sua paixão, sua obsessão. Lacaz produz desenhos, pinturas, esculturas, gravuras, logos,

cartazes, instalações, objetos dos mais criativos. Elabora performances, cenografias, intervenções. Quem tenta enquadrá-lo em única categoria costuma considerar o termo artista, preferido do sócio, insuficiente. “Acabaram inventando a expressão artista multimídia, que não explica muita coisa, mas pelo menos encerra a questão”, comenta. A aproximação com a arte ocorreu ainda na infância. Adorava desenhar, construir e desmontar objetos,



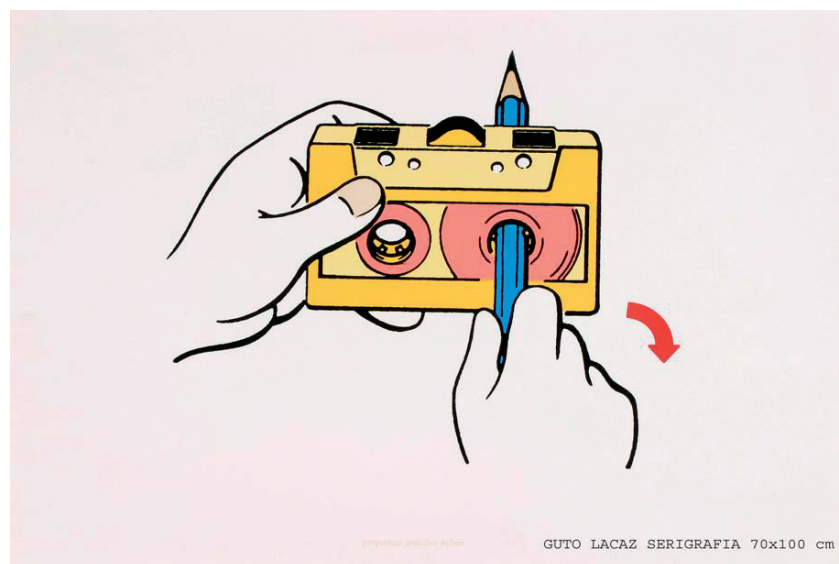
Criação para a seção Pares Ímpares, da revista Wish Report

entender como funcionavam. “Mas nunca pensei que poderia transformar esses gostos em profissão”, afirma. Quando chegou o momento de escolher a carreira, quis ser engenheiro eletrônico. Fez colégio técnico na área, mas a quantidade de matemática era excessiva. Não conseguiu vaga, mudou de planos, foi para a arquitetura e estudou em São José dos Campos. O currículo do curso era bem abrangente, com trabalhos em áreas como fotografia, cinema, desenho artístico e desenho industrial, fato que ajudou a abrir o leque de opções. Ainda na década de 1970, oportunidades no desenho gráfico surgiram, e Lacaz começou a carreira como ilustrador em contribuições esporádicas para jornais e livros. Aos poucos, ampliou a quantidade de serviços e conseguiu se firmar como artista autônomo.

Curioso, o sócio sempre buscou outros caminhos. “Gosto de coisas novas. Vejo algo diferente e penso que também quero fazer”, diz. Iniciou a carreira como artista plástico em 1978, ao participar de um concurso do Museu da Imagem e do Som (MIS): Objeto Inusitado – Arte Aplicada. Ganhou o prêmio, nunca mais parou e acabou se tornando um ícone do segmento. Também é referência em intervenções urbanas, que começou a praticar ainda na década de 1980. A mais recente teve lançamento em 25 de janeiro, no

lago do Parque Ibirapuera. A obra se chama *18*, um barco com 18 remos que podem ser conduzidos por apenas uma pessoa, criado e confeccionado pelo sócio. “Agora está desmontado, vou melhorá-lo, deixá-lo mais leve”, revela. As criações de Lacaz costumam chocar. Apresentam realidade surreal, absurda, que foge da visão comum. Provocam. Tudo, porém, tem início da forma mais simples, com desenhos à mão livre. Só depois, os equipamentos digitais entram em ação. “Na década de 1980, era proibido importar um computador, minha geração teve de apelar para o contrabando”, recorda. O artista, no entanto, é fã de tecnologias e busca

constantemente se renovar. Agora, quer trabalhar com impressoras 3D, que agilizam e barateiam o processo de produção. Os dias do artista são consumidos por seus projetos pessoais e profissionais. Isso quando não está organizando exposições ou livros. Publicou cinco obras, a última delas em outubro de 2015, reunindo trabalhos que representam sua trajetória. Após anos lecionando, atualmente só ministra aulas pontuais. “Essa maneira é muito melhor, não perco tempo corrigindo provas, ouvindo desculpas. Todos os presentes querem mesmo estar ali, aprendendo”, finaliza.



Fita cassete, da série de serigrafias Pequenas Grandes Ações